

SÚCIA: UMA DANÇA DE MANIFESTAÇÃO CULTURAL E RELIGIOSIDADE EM MONTE DO CARMO – TO

SÚCIA, UNA DANÇA DE LA MANIFESTACIÓN CULTURAL Y RELIGIOSA EM MONTE DO CARMO - TO

Carmen Tatiane Oliveira Rodrigues¹

Professora da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino do Tocantins
carmemtatiane@hotmail.com

Marciléia Oliveira Bispo²

Professora Doutora do curso de Geografia e do programa de Pós-graduação em Geografia Universidade Federal do Tocantins
marcileia@uft.edu.br

RESUMO

O texto apresentado é resultado de uma investigação a respeito da súcia, uma dança que ocorre durante o giro da folia do Divino Espírito Santo no município de Monte do Carmo – Tocantins. A folia é uma festa secular que se realiza anualmente, fazendo parte da manifestação cultural da cidade, esse encontra inserida no contexto religioso local. No município de Monte do Carmo – TO, as festas do Divino Espírito Santo, compõem-se de um conjunto de eventos religiosos controlado pela Igreja católica. A súcia é uma espécie de brincadeira composta por homens e mulheres que em dupla, acompanhados de viola e pandeiro que se divertem, e divertem a população com gesto de alegria e sensualidade. Nas festas do Divino Espírito Santo a súcia acontece ao som de violas e pandeiros, nos giros das folias é apresentada como uma parte obrigatória do ritual após o bendito. O artigo reúne investigações realizadas a partir de entrevistas com moradores do município, cujo objetivo era compreender a partir das narrativas, o contexto da súcia pelos praticantes e como essa dança reflete nos seus cotidianos e na tradição. A partir das respostas, desvela-se uma constituição de significados vividos e vivenciados nos diversos ritos do espaço das festas religiosas, aqui em especial, da Folia do Divino Espírito Santo.

Palavras-chave: Súcia, Folia do Divino, Manifestação cultural, Tradição

RESUMÉN

El texto que se presenta es el resultado de una investigación acerca de la súcia, un baile que se produce durante el turno de la folia del Espíritu Santo en la ciudad de Monte do Carmo - Tocantins. La folia es un partido laico que se lleva a cabo anualmente como

¹Graduada em Geografia no campus de Porto Nacional –UFT-TO e professora da Educação Básica da rede estadual do Tocantins - carmemtatiane@hotmail.com

² Professora Doutora do curso de Geografia e do programa de Pós-graduação em Geografia - Universidade Federal do Tocantins - marcileia@uft.edu.br

parte del evento cultural de la ciudad, y se inserta en el contexto religioso local. En el municipio de Monte do Carmo - TO, las fiestas del Espíritu Santo, se componen de un conjunto de eventos religiosos controlados por la Iglesia Católica. La sucia es una especie de broma formada por hombres y mujeres en pares, acompañado por la guitarra y la panderequeta divierten-se a sí y a la gente con gesto de alegría y sensualidad. En las celebraciones de Espíritu Santo la Sucia ocurre con el sonido de las guitarras y panderequetas, los giros de la folia se presenta como una parte obligatoria del ritual después de la bendita. El artículo presenta una investigación realizada a partir de entrevistas con los residentes del municipio, cuyo objetivo era entender a partir de la narración, el contexto de Sucia por los practicantes y cómo esta danza refleja en su día a día y la tradición. A partir de las respuestas, revela una constitución de significados vivido y experimentado en los distintos ritos del espacio de fiestas religiosas, aquí, en particular, la Folia do Divino Espírito Santo.

Palavras-clave: Sucia, Folia do Divino, Manifestación cultural, Tradición.

INTRODUÇÃO

Em Monte do Carmo – To, a súa é uma dança que ocorre durante festa Divino Espírito Santo, é uma festa secular, que se realiza anualmente, num misto de fé, devoção, folclore e tradição.

O objetivo da investigação presente neste texto foi compreender a partir dos relatos o contexto da súa pelos seus praticantes, como essa dança reflete nos seus cotidianos e na tradição através descrição da festa. Para tanto, a pesquisa foi desenvolvida no município de Monte do Carmo- TO. O município conta com uma população estimada em 6 mil habitantes, está localizado na região central do Estado. Com base em ALVES (2009), a história de Monte do Carmo começa a partir do descobrimento das minas de ouro, na primeira metade do século XVIII, prossegue em 1741 com a fundação do Arraial de Nossa do Carmo e foi fundado pelo bandeirante Manoel de Souza Ferreira, na confluência dos ribeirões Matança hoje córrego Água Suja (devido à lavagem de ouro), até o córrego Sucuri. Em 1836 deram-lhe o nome de arraial de Nossa Senhora do Carmo, 1911 foi denominado Carmo, 1943 resolveram mudar para Taírusú (palavra indígena), mas, não durou muito, passou a se chamar Monte do Carmo.

Ainda segundo Alves (2009), o ouro que abundava em profusão nas minas do Carmo, atraía os aventureiros lusitanos e mamelucos, que enfrentavam as tribos que habitavam esse sertões desconhecidos. Em 1780 a coroa Portuguesa entusiasmada com o lucro recebido, tratou de mandar um representante direto e a estratégia era a igreja

católica. Dona Maria I nomeou o Padre José Faustino da Gama, Padre Gama como ficou conhecido chegou a região das minas, em 1746, para administrar todo o processo da economia aurífera da localidade.

No município de Monte do Carmo as festas do Divino Espírito Santo, compõem-se de um conjunto de eventos religiosos controlado pela Igreja católica, como o giro e os pousos das folias, realizados por homens voluntários que percorrem o sertão durante trinta e um dia, anunciando a presença do Divino Espírito Santo, conduzindo a bandeira Divino Espírito Santo. A saída e o encontro das folias, o reinado do imperador, o giro da folia das mulheres e as missas solenes.

As festas religiosas em Monte do Carmo são manifestações do catolicismo tradicional popular que ocorrem há vários anos na cidade. E as danças tradicionais como a súa faz parte das manifestações popular da cidade de Monte do Carmo-To, e encontram-se inseridas no contexto religioso local. E essas festas demonstram que a relação da comunidade existente com o local, reforçando assim os laços simbólicos com o território.

A súa é uma dança que se manifesta durante o giro da folia do Divino Espírito Santo. É uma espécie de brincadeira composta por homens e mulheres que em dupla, acompanhados de viola e pandeiro se divertem e divertem a população com gesto de alegria e sensualidade. Este trabalho, que aqui apresentamos, teve como objetivo buscar a origem do nome ou da dança. Apenas descrever essa manifestação nos seu contexto histórico, conhecer o seu presente.

As danças sempre foram um importante componente cultural da humanidade. É preciso entender que ela não é algo com começo e fim, mas um produto da historia de cada sociedade, de uma forma de vida, ela é o resultado de uma interação continua entre pessoas de determinadas região, e que é passada de geração em geração por um longo período de tempo, pois retrata a cultura de um povo. Segundo Fr. Ribeiro (1982) consiste num conjunto global de modo de fazer, ser, interagir e representar que produzidos socialmente, envolvem simbolização e por sua vez definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve.

Ao observar por esse contexto, acredita-se que algumas característica da súa tenham sido abandonada ao longo do tempo, segundo alguns relato na excussão da dança as mulheres só entravam na roda se estivessem se saia, pois a saia representava a sensualidade da mulher para conquistar o parceiro os homens tinha que estar de chapéu, hoje essas características foram deixadas de lado por alguns.

A dança da sucia insere-se dentro da cultura popular ou mais formalmente chamada como “Patrimônio Imaterial”, de acordo com Grunberg (2007), caracteriza-se pelas manifestações e expressões que os homens e a sociedade criam e, que, ao longo dos anos, vão se modificando pelas gerações futuras e adaptando-se à realidade daquele determinado povo.

TRADIÇÃO E RELIGIOSIDADE -O FESTEJO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Com base em Alves (2009) a festa do Divino foi introduzida em Portugal, pela rainha Izabel no século XIII, quando este país encontrava-se em guerra com a Espanha, e para que houvesse paz, a rainha Izabel fez uma promessa de oferecer a sua coroa de rainha ao Divino Espírito Santo e levar essa devoção a todas as colônias de Portugal. Ainda segundo Alves (2009), relatos de Portugal contam que a rainha Izabel e seu marido Dom Diniz teriam no século XIV uma promessa de alimentar os famintos e oferecer sua coroa ao Divino Espírito Santo em troca de paz. Nessa época, Portugal e Espanha travavam uma guerra de quase cem anos. O objetivo foi alcançado e a promessa cumprida.

Dessa forma teve início a devoção ao Divino Espírito Santo, que se difundiu em solo português e chegou ao Brasil, pois como indica Messias (2010, p.102) “O fato é que durante o século XVII a festa em homenagem ao Divino Espírito Santo espalhou-se pelas colônias portuguesas, constituindo uma das principais manifestações de religiosidade popular que envolve as comemorações do Ciclo da Ressurreição”. E o estado de Goiás a recebeu por volta de 1834 quando o imperador do Brasil D. Pedro I ofertou à província de Goiás as insígnias do Império (a coroa, o cetro, a salva, e a bandeira). O estado do Tocantins, antigo norte de Goiás recebe esta influência. Em Monte do Carmo é um dos municípios do Estado dentre tantos que realiza este festejo.

No município de Monte do Carmo esta festa compõe-se de um conjunto de eventos religiosos controlados pela Igreja Católica. O que se observa é que a rigor, a festa do Divino deveria ocorrer no Domingo de Pentecostes, seguindo o calendário católico, que ocorre aproximadamente 50 dias após a Páscoa, ou seja, num prazo que compreende exatamente os 40 dias da folia e o novenário³. As folias do Divino

³ novenário acontece durante sete dias antes das missas e posse do imperador.

anunciam a presença do Espírito Santo. As romarias conduzem a bandeira. Os giros da folia representam as andanças de Jesus Cristo e seus 12 apóstolos durante 30 dias, levando a sua luz e a sua mensagem, convidando todos para festa, a festa da hóstia consagrada, que ocorrerá no dia 16 de julho com a coroação do imperador e imperatriz. Como apontam a figura 1 e 2.

Foto 1 Foliões



Fonte: NEGRE, J.W.O, 08-04-2012

Foto 2 Foliões tocando pandeiro



Fonte: OLIVEIRA, G. R, 11-05-2012

Segundo Moura (2003) a festa do Divino Espírito Santo, além de aspecto “Sagrado”, é uma forma também de exaltar o poder do Imperador como representante de Deus na terra. O autor descreve que no período colonial e imperial brasileiro, durante a festa do Divino Espírito Santo, armava-se um trono para o imperador do Divino. O imperador eleito para realizar a festa era investido de poder considerável, por exemplo, pois bastava um simples gesto seu para que fossem libertados presos comuns, sendo destituído deste poder quando encerrava-se a festa no ano corrente.

Segundo ALVES (2009), a folia é a abertura da festa do Divino Espírito Santo, em homenagem ao imperador. Reúne-se uma procissão de homens a cavalos, girando os 30 dias no sertão, para levar a mensagem da ressurreição, arrecadando donativos para a festa do imperador. A folia simboliza a ressurreição de Cristo, retratada numa pomba branca e fitada no fundo vermelho, presa ao cabo de manuseio para as devidas reverências e enfeitada com fitas coloridas para lembrar o arco-íris da aliança, o que caracteriza a Bandeira do Divino, figura 3 e 4.

Foto 3 -Bandeira do Divino



Foto 4 – Alferes da bandeira.....



Fonte:RODRIGUES,C.T.O.02/04/13Fonte:RODRIGUES,C.T.O.02/04/13

O Sábado de aleluia é o dia em que os foliões se reúnem na casa da festa, para uma concentração preparatória, com a finalidade de pedir a licença para o início do giro das folias que durante trinta e um dia farão o anúncio da festividade do Divino. A noite é servido a ceia para os foliões, família e demais participantes, o jantar é servido antecedido por uma oração para abençoar as refeição. Logo após o jantar inicia-se os cânticos, começando pelo benditode agradecimento, seguindo de rodade súcia.

No domingo de páscoa ocorre a saídas das folias do Divino Espírito Santo. Logo pela manhã na casa da festa os foliões, festeiros e demais participantes formam uma grande roda, quando rezam e entoam cântico, sempre em circulo, caminham lentamente e beijam as bandeiras do Divino conduzidos pelos dois alferes. Logo em seguida, entram no salão da casa da festa para o café da manhã. Após a refeição, cantam o bendito. Depois é servido o almoço para os foliões e os demais, logo em seguida canta-se o bendito de agradecimento, canto de licença e as rodas.

A tarde por volta das 16 horas, em procissão segue em direção á igreja matriz, á frente segue o imperador e a imperatriz e em seguida vão os dois alferes carregando as bandeiras do Divino Espírito Santo, atrás os dois caixeiro, tocando a caixa sem parar e em seguida os foliões. Ao chegarem a igreja matriz o padre faz as bênçãos aos foliões, cantam em seguida e se dirigem até a praça central onde os féis aguardam a bandeira do Divino para pedir proteção, figura 5 e 6.

Foto 5 Benção na igreja para a saída

Foto 6Procissão até a praça matriz



Fonte: OLIVEIRA, R. G, 04-042012

Fonte:OLIVEIRA, R. G, 04-04-2012

Os pousos de folias são marcados com antecedência pelos alferes⁴, as folias, a cada dia pousam em fazendas diferentes onde as famílias se reúnem em manifestação de alegria festiva para prepara a chegada folia. O proprietário da casa além de disponibilizar o espaço para os foliões repousarem oferecem, comidas e bebidas.

Conforme Alves (2009), o sorteio do Divino Espírito Santo, é um grupo de homens voluntário, que formavam a Irmandade do Divino. A Irmandade foi extinta, mas continuou o sorteio, agora como uma Arca de homens com respectivos cargos de responsabilidade: Imperador, procurador, alferes da bandeira de misericórdia, capitão do mastro. Procurador é o organizador da composição da chapa da Irmandade do Divino para dar procedimento a realização do sorteio e é responsável sorteio do capitão do Mastro, Imperador Alferes da Bandeira de Misericórdia e a Bandeira de Misericórdia (a bandeira grande que gira na folia das mulheres). Imperador no espírito religioso, e o soberano que preside a fé na devoção ao Divino Espírito Santo, junto com a Irmandade. O mandato é determinado por um ano, obedecendo tradicionalmente ao sorteio.

O Alferes daFolia, é o porta-bandeira do Divino que conduzem os foliões durante o giro. Alferes da Bandeira de Misericórdia, é o cargo militar do cerimonial do imperador em procedência hierárquica. É o homem escolhido no sorteio da festa doDivino Espírito Santo, para conduzir o cortejo imperial e a folia das mulheres. O Capitão do Mastrotambém é sorteado na festa do Divino. O capitão é do posto do Comando Maior, ele dá a licença para continuar a festa.

Os foliões são homens devotos do Divino, esses homens iniciam uma peregrinação pela zona rural e também cidades próximo do município como Porto Nacional, Pindorama, e a Capital Palmas. Os foliões representam os apóstolos de Cristo, são homens voluntários. Eles andam em grupo de 12 ou mais homens, conduzidos pelo alferes, em jornadas pelo sertão. A rigor esse grupo percorre as fazendas do município montados a cavalo, quando chegam às fazendas para o pouso, alinham os cavalos no

⁴ Alferes, porta bandeira e o que conduz os foliões pelo sertão.

terreiro e cantam a licença da chegada, pedindo ritualmente acolhida. Abençoando as casas dos lavadores, e suas famílias unindo em torno da celebração da festa que se aproxima. Durante o giro os foliões recolhem donativos para a festa do imperador, conforme figura 7 e 8.

Foto 7 Chegada na fazendaFoto 8 A bênção antes da refeição



Fonte: OLIVEIRA, R. G, 11-05-2012



Fonte: OLIVEIRA, R. G, 11-05-2012.

A festa do Divino Espírito Santo em Monte do Carmo ocorre em dois momentos: o primeiro com as saídas das folias no domingo de páscoa e o segundo com a festa do imperador, do capitão do mastro e a folia das mulheres⁵ que ocorre no mês de julho, cujo calendário da festa é fixo, marcado sempre no dia 16.

Assim, no dia 7 de julho, ocorre a chegada da Família Imperial na cidade. De 7 a 15 de julho, e também sempre às 19 horas na Igreja matriz ocorrem as novenas e os leilões, durante o período novenário acontecem casamentos, batizados e os leilões que são realizados no pátio da igreja. Os leilões acontecem após a celebração das novenas, coordenados pelo conselho da igreja e pela comunidade local. Na mesa em que fica na porta da igreja são depositados os alimentos e objetos. As pessoas da comunidade são responsáveis por depositar esses alimentos. Em noites alternadas cada grupo da comunidade é responsável pelos leilões.

O dinheiro arrecadado nos leilões se destina às despesas da paróquia. Também no dia 15 de julho, após a novena e o leilão ocorre a festa do Capitão do Mastro do

⁵folia das mulheres é um evento social e religioso, e a folia que acontece antes da posse do imperador, são um grupo de moças que sai pela ruas cantando e arrecadando esmolas.

Divino. Dia 16 as 08 h 00, têm-se a missa em louvor a Nossa Senhora do Carmo Padroeira da cidade, após a missa tem início o giro da folia das mulheres do Divino Espírito Santo, que encerra às 17 horas. E então às 19 horas, ocorre o cortejo e a missa de posse do Imperador e Imperatriz na igreja matriz, após a missa tem o cortejo imperial segue até o barracão da festa, onde é servido o tradicional café com bolo. No dia 17 pela manhã acontece o cortejo da família imperial até a igreja matriz, e é celebrado missa em louvor ao Divino Espírito Santo. No final da missa tem o sorteio do novo Imperador e Imperatriz para o ano seguinte, e após o sorteio o cortejo Imperial segue-se novamente até a casa da festa, em que acontece a tradicional valsa imperial seguindo com o tradicional café com bolo regado de licor e muita festa.

A tradição no município de Monte do Carmo é normalmente duas folias, uma gira na região serrana, que chamam a folia de cima e a outra na parte baixa do município, que chamam a folia de baixo, segundo narra o folião Getúlio Ferreira dos Santos.

Os membros da festa são escolhidos através de sorteio que é imperador, procurador, Capitão do mastro do divino, alferes da bandeira da misericórdia que gira dentro da cidade com um grupo ilimitado de mulheres entoando o canto do Divino com acompanhamento de instrumento do sopro (sanfona, saxofone e outros) com visitas alternadas nas propriedades arrecadando esmolas através de duas jovens com uma bandeja portando a coroa do divino espírito santo na frente. As folias dos homens que giram no sertão e na cidade os seus dirigentes são espontâneos ou muitas vezes através de promessas pela devoção ao divino espírito santo e serão normalmente apresenta no dia do sorteio do imperador. Os membros responsáveis pela organização da folia são subdividido em despachante que é responsável por toda dispensa da folia (uno ou em grupo) e o alferes é o porta bandeira, organizador da folia e responsável pela convocação dos foliões. Os foliões se subdividem em um caixeiro, normalmente dois violeiros, quatro a doze cantadores que transmite as mensagens do divino aos fiéis devotos do divino através dos cânticos (bendito e outros).os arrierossaõ ;arrieros chefe (responsável pela quadra dos donativos e das bagagem de toda tripulação da folia) é arrieros responsável pelo selo e a condução dos animais que transporta os foliões e a bagagem. A saída das folias inicia-se com o jantar no sábado de aleluia na casa do imperador após o jantar reza o bendito ao redor da mesa agradecendo em louvor ao divino, após faz se o cântico de licença para o início da folia e para o repouso durante o per noite. No outro dia ao sair do sol reuni alferes e foliões em forma de meia lua no terreiro entoando benditos seguindo enfileirados para beijar as bandeiras em reverências pedindo bênção para seguir o ritual do dia a dia da folia, após o almoço em mesmo ritual entoa se o cântico do imperador pedindo bênção, cântico de despedida para a viagem daí seguindo em cortejo para a igreja matriz aonde recebem a bênção do envio através do padre da igreja após entoado a cântico do alta segue o cortejo com o imperador e demais autoridade que compõem a festa até o final da praça da Mariz da cidade aonde se despedi seguindo uma bandeira para o lado sul e a outra lado norte durante os 30 dias mais o menos ao por do sol. A procura da fazenda mais próxima para o per noite, ao chegar ainda montados nos cavalos em forma de meia lua em toa se o cântico da licença após se entrega se a bandeira ao morador para o repouso da noite, seguindo se o ritual do bendito após a

jantar, cânticos das rodas entoados com repertórios e músicas de autoria própria, daí passa-se a dança da súa forma de roda em toados com músicas e repentes, instrumentos de cordas e pandeiros. Após o pernoite às 5 horas da manhã o caixeiro exultam o toque da caixa (que é a álvora da folia para avisar que por ali passa a divindade. No último passo é realizado pela manhã antes de beijar a bandeira o alferes solicita a exposição de um vaso com água para ser benzida com as palavras santas para após ser usada pelos membros da folia como remédio milagroso contra dores de garganta e outros males. Na chegada encontram-se as duas folias no mesmo ponto em que se despediram para a viagem com assenso, de pernas seguindo lado a lado montados a cavalos até a praça da igreja formando meia-lua ao redor do santuário seguindo uma para um lado e a outra para o outro com três voltas ao redor, sempre que se confronta a porta principal faz-se uma vena para o alto e outra para o cruzeiro daí seguem um para o direito e o outro para a esquerda frente a frente fazem as venas em sinal de continências para o cântico de encontro das bandeiras saldando uns aos outros pela ordem. Daí seguem em cortejo com imperador e demais componentes até o pé do altar do santuário para de joelhos agradecer ao pai pelo sucesso adquirido pela jornada, daí seguem em cortejo para casa do imperador onde serão realizados os banquetes, cânticos e rodas de saudação ao imperador e família, aos grupos de jornadas e outros.

Na chegada da folia o alferes entrega as doações ao imperador. Relacionando tudo o que foi arrecadado no município. Dia 16 de julho, a noite é o reinado do imperador. Nesse dia o imperador da festa do corrente ano entrega a coroa ao imperador da festa do ano seguinte. O imperador do novo ano vai até a casa do imperador do ano corrente em procissão pelas ruas, dirigem para igreja na porta o padre transfere a coroa de um imperador ao outro. A partir daí o imperador do ano seguinte assume a festa. Assumindo, ocorre a celebração da missa, ao final segue-se em cortejo com o imperador do próximo ano, até a casa da festa, em que é servido o tradicional café com bolo. Fig. 9 e 10

Foto 9 Os devotos recepcionando a chegada da folia Foto 10 chegada das folias



Fonte: OLIVEIRA, G. R, 12-05-2012



fonte: OLIVEIRA, G. R, 12-05-2012

Durante os pousos da folia do Divino Espírito Santo, é que ocorre a súa, dança regional ao som de Pandeiro, viola e cantadores ao ritmo rápido e frenético. O casal dança em ritmo de desafio onde o parceiro tenta conquistar sua parceira, como abordamos a seguir.

A SÚCIA EM MONTE DO CARMO – TO

A súa é uma dança que faz parte da cultura de Monte do Carmo, é uma dança de festa religiosa, realizada durante os pousos de folia ao som de viola e pandeiro.

A súa também é dançada no festejo de Nossa Senhora do Rosário do mês de julho e outubro, mas ao som de tambores. São instrumentos diferentes, com diferentes toques e passos. É uma manifestação cultural tida como uma herança de descendentes africanos que vieram trabalhar nas minas de ouro, no antigo norte da província Goiás, hoje Tocantins. Uma manifestação contagiante que integra danças, cantos sons de viola, tambor e percussão, mas frequentemente nos municípios do centro e sudeste do Estado do Tocantins, também reconhecidos por integrar uma única região: a das cidades que se originaram no período aurífero e que comungam de uma mesma tradição a realização das festas de santo do catolicismo popular. (CD Suça no Tocantins, 2012). O depoimento abaixo confirma,

A súa é uma dança que ocorre no pouso de folia tocada com viola e pandeiro (Ana Carvalho de Assunção 72anos)

Essa manifestação de dança, que é súa, integra som de viola e pandeiro realizada no município de Monte do Carmo, a forma como se pronuncia e escreve o nome desta da especificidade de cada lugar. Nas festas do Divino Espírito Santo a súa acontece ao som de violas e pandeiros, nos giros das folias é apresentada como uma parte obrigatória do ritual é considerada como o baile da folia, o último momento do ritual em os participantes do pouso da folia são convidados a participar da dança. Fotos 11 e 12.

Foto 11 Folião com caixa Foto 12 Folião com viola e Pandeiro



Fonte: OLIVEIRA, R. G, 11-05-2012

Fonte: RODRIGUES, O. C. T, 08-04-2013

A dança apresenta algumas características como a formação da roda, os pares de brincantes na execução da dança, canto de versos curtos diversas vezes repetidos, o uso dos instrumentos de corda, e participação das pessoas que estão durante o pouso de folia. Os brincantes apontam também como característica desta dança, a sensualidade do seu bailado, no qual homens e mulheres ao entrar na roda, encenam movimentos impetuosos e provocantes na tentativa de conquistar o par.

Os praticantes da súa são indivíduos que nascem e se criam no universo dos festejos religiosos e terminam por se identificar com um papel a ser desempenhado, se tornando tocador, cantor, dançarino. Barroso (2004) denomina esses sujeitos de brincantes, são aqueles que atuam por hábito, seus ofícios pela convivência e observação cotidiana no seio da família ou da sua coletividade. (CD suça no Tocantins 2012).

No giro das folias a súa é apresentada como parte obrigatória, após o bendito, também é conhecida como o baile da folia, o último momento do ritual em que os participantes do pouso da folia são convidados a participar. Conforme fotos 13 e 14.

Foto 13 - Os foliões tocando e cantando Foto 14- Roda de súa



Fonte: OLIVEIRA, R. G, 11-05-2012



Fonte: OLIVEIRA, R. G, 11-05-2012

A súa como parte obrigatória do ritual no giro da folia acontece após o bendito, está relacionada como tradição no pouso de folia. A quantidade de súa tocada no pouso depende do proprietário que está recebendo a folia, se o proprietário da casa e sua família gostam da dança incentivará os foliões a tocar e cantar até mais tarde e isso é promessa de noite animada. Do contrario os foliões tocam três ou quatro parte da musicas e voltam para fazer roda.

Em Monte do Carmo na formação da roda apenas um par fica no centro da mesma. Quando um homem ou mulher quer entrar na roda, bate nas costas da pessoa do mesmo sexo ou começa a se insinuar até que o outro desista. Os tocadores também entram na roda, quando entram na roda tocam seus pandeiros freneticamente como se estivesse provocando sua parceira, acelerando o ritmo da dança.

Segundo (Silva 2011 p. 69), Sussa é dança de roda. Provavelmente oriundo dos batuque que os preto promoviam nas senzalas ou terreiros por ocasião das festas ou simples comemoração de cunho privado. Marta Campos (1988) afirma:

A sussa possui elementos das chamadas 'dança de roda' ou batuque, com dançarinos ao centro, acompanhados por instrumentos de percussão, de origem nitidamente africana, angola-conguenses. São danças envolvendo movimento impetuosos, até rudes na sua sensualidade, frequentemente dançadas por mulheres sozinhas.

A roda de súa começa com um dos foliões entoando um canto, sem o toque dos instrumentos, chamado de canção. Existem os cantos de domínio popular, mas também os de improvisos, feitos pelos brincantes no calor do momento. Em que geralmente fazem referência às pessoas que estão entorno a participar da brincadeira, chamando a participar. Terminando a canto de entrada como, por exemplo, (*eu quero ver, quero ver fulano dançar.....*) começam as batidas dos instrumentos e o canto propriamente dito, em que os participante cantam juntos, batendo palmas e dando grito de incentivo aos que estão na roda.

Silva (2011 p. 69) ressalta que José Ramos Tinhorão descreve o batuque como local de surgimento de diversas manifestações negras inclusive o lundu e as danças de roda:

Na verdade, tal como o exame mais atento das raras informações sobre essas ruidosas reuniões de africanos e seus descendentes crioulos deixa antever, o que os portugueses chamaram sempre geneticamente de batuques não configurava um baile ou um folguedo, em si, mas uma diversidade de práticas religiosas, danças rituais e formas de lazer.

Para os brincantes, os cantos da súaia falam do universo em que seus antepassados viviam, e do momento da diversão em que às pessoas são convidadas a participar, expresso na fala abaixo,

A súaia retrata a saudade dos antepassados, e traz palavras de sentimentos, (Z.P. A.63 anos.)

Dentre as músicas na dança da súaia temos um refrão: “A formiga que dói é jiquitaia” que é um dos refrãos dos versos mais conhecido na dança, entoada pelos foliões durante as festas do Divino Espírito Santo. A seguir retratamos as vivências e experiências dos brincantes da súaia.

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DOS BRINCANTES DA SÚCIA EM MONTE DO CARMO - TO

Para o conhecimento e resolução dos objetivos propostos da pesquisa realizada, fez-se entrevista com 20 foliões. Pois são eles que convivem no universo de devoção e religiosidade, e com as mulheres, parte fundamental na execução da dança. A entrevista foi composta de 10 perguntas, as questões de 1 a 8 versavam sobre a vivência dos participantes e como eles participam na dança, 9 e 10 referem-se aos participantes que estão observando a dança.

A primeira questão da entrevista foi o que é a súaia. Ao fazermos este questionamento nosso objetivo foi compreender a dança tanto por parte de quem toca, quem canta e quem dança. As respostas dos entrevistados para esta questão seguiram duas tendências, a primeira que a súaia seja uma dança tocada ao som de viola e pandeiro, faz parte da tradição das folias, como se evidencia claramente nas respostas.

A súaia é uma dança típica das folias (A. C. R. 41 anos)

Súaia é uma dança que ocorre no pouso de folia ao som de pandeiro e viola. (Z. P. A., 63 anos)

Faz parte de uma brincadeira que vem dos antepassados passa de pai para filho, ou seja, uma dança tocada ao som de viola e pandeiro. (G. L. C., 36 anos)

Na segunda tendência verificada, dos entrevistados concebem a súaia como uma dança de recreação e muito animada. Como evidencia as respostas abaixo:

Brincadeira e diversão dos foliões, (A. A. de S., 42 anos).

É uma dança muito animada que instiga as pessoas naquele momento (F. C. R.)

A segunda questão referia-se a que momento a dança deve ser executada. Todos os entrevistados responderam que após o Bendito. Aqui confirmando o que já pontuamos sobre quando a dança é executada.

Com relação a terceiro ponto da entrevista, como aprendeu a dançar, notamos que todos os relatos apresentam que a súa era tocada à noite, em uma espécie de festa nas fazendas durante os pousos das folias.

Brincando com os meus irmãos para esperar a folia do divino, por que não havia festa, a súa era tocada a noite toda, (A. C. de A. 72 anos).

Aprendi a dançar através da minha mãe e com meus irmãos brincando no terreiro para esperar a chegada da folia por que achava bonito, gostava da súa e da minha tradição (R. de S. O. 52 anos).

No tocante à quarta questão, como aprendeu a tocar pandeiro ou viola, observamos algo interessante, foi a forma como os entrevistados responderam: oitenta por cento dos entrevistados aprenderam com seus pais pois eram foliões e vinte por cento mesmo sem ter sido criado nesse universo criaram interesse pela tradição e foram aprendendo.

Aprendi tocar viola sozinho, via os outros tocando e fui aprende (A. A. de S., 42 anos).

Meu quem me ensinou pai a tocar pandeiro, pois era folião (G. L. C. 36 anos).

Meu pai quem me ensinou (V. C. de A.).

Meu pai quem me ensinou a tocar pandeiro quando chegava da folia (Nome: J. R. N., 69 anos).

A quinta questão da entrevista, como aprendeu a cantar, os relatos assim foram ditos: aprenderam através dos pais, tios ou avôs, pois eram foliões e alguns por acharem os cantos bonitos.

Através do meu pai e meu avô que era folião, quando a folia passava lá em casa (J. R. N. 69 anos).

O interessante dos relatos da questão nº4e 5 é que a maioria dos foliões aprenderam por estarem no meio da convivência das folias, aprenderam com o exemplo dos seus pais, ao verem seus pais participar todos anos da folia, como exemplo dessa conclusão é que a família Carvalho já chega a quarta geração de folião, podendo ser percebido no relato do folião abaixo:

Através da minha convivência em meio da minha família, que vem passando de pai para filho (A. C. R., 41 anos).

O folião Adailton e seus irmãos Amilton e Ailton, todos os anos deixam suas residências para levar mensagem de fé e devoção aos fieis, eles pertencem a terceira geração de folião na família carvalho.

Ao serem perguntados de que maneira os participantes devem entrar na roda, questão de número seis da entrevista, os relatos foram interessantes. Alguns entrevistados responderam que os participantes devem entrar da seguinte forma: as mulheres ao entrar na roda devem estar de saia e descalças e os homens de chapéu, e

outros disseram que devem participar cantando, brincando e batendo palmas instigando os que estão de fora a entrar na roda.

O que o canto retrata? Essa foi à sétima questão da entrevista. Assim em alguns relatos a súa é uma brincadeira dos foliões que traz diversão naquele momento, já para outros é o momento em que o participante através da música são convidados a participar e também retratam uma forma de respeito aos antepassados.

Retrata os antepassados, a Vicência das pessoas da comunidade é muito importante está lembrando das pessoas que fizeram algo pela comunidade. (Fausta Cristina Ramalho).

O canto da súa retrata o momento ao faz homenagem para uma pessoa em forma de brincadeira, pois acontece no calor do momento. (G. F. dos S. 53anos).

Além dos relatos mencionados nesta questão, ao dar uma resposta, um dos entrevistados chorou bastante ao mencionar sobre o canto, segundo seu relato quando chega a hora da súa ele se emociona muito, sobretudo ao se lembrar das pessoas mencionadas naquele momento, pessoas que fizeram e fazem parte da comunidade.

O canto retrata a saudade dos antepassados e traz palavra de sentimento (Z. P. A., 63 anos).

Na oitava questão da entrevista, que se refere a quantos participantes têm que ter dentro da roda, todos responderam que é apenas um casal.

Ao serem perguntados como ocorre a participação dos jovens no giro da folia e na dança da súa, que corresponde a nona questão, percebe-se que todos os relatos apresentam uma preocupação constante com a tradição, pois há uma grande falta de interesse dos mais jovens em dar continuidade, há também o problema dos folião que hoje a maioria trabalham em serviços públicos e quando chega a época da folia não consegue tirar férias.

A participação dos mais jovens esta super fraca, desmotivada, a maioria dos jovens querem saber só da festa, e acaba deixando de lado a tradição que é o bonito. Todos os anos me organizo para gira na folia, pois sou funcionário publico. (.G. F. dos S., 53 anos).

Muito pouco, por que a maioria não gosta e nem aprecia esse tipo de tradição religiosa no entanto não chama atenção deles. (A. C.R., 41 anos).

Esta fraco isso se percebe durante os pousos de folia, nota se a presença de poucos jovens. Todos os anos eu me organizo para tirar minha férias na época do giro das folia, pois trabalho em firma fora do município ,ainda segundo o folião se tivesse condições financeira criaria projetos em cima da própria cultura,só para não ver sua tradição acabar.(G. L. C. 36 anos).

A última pergunta traz o seguinte enunciado: na cidade tem sido oferecidos momentos para aprender súa? Os entrevistados disseram que sim. Porém, durante a entrevista surgiu uma preocupação. Com base nos relatos as oficinas são oferecidas pelo município para os jovens conhecer sobre a dança. Essas oficinas são realizadas com

voluntários da própria comunidade principalmente os foliões, eles ensinam a tocar, cantar e dançar, e também tem tido um trabalho, que é o dia de convivência com os foliões promovido pela igreja católica. O interessante é a dedicação com que esses voluntários participam, fica nítido o orgulho que eles carregam pela tradição. Mas a falta de interesse dos jovens durante essas oficinas é nítida, fica claro nos relatos dos entrevistados.

Sim aos pouco está sendo oferecido oficinas mas a falta de interesse dos jovens é grande (F. C. R.).

Sim, há pouco tempo essa ações vem sendo trabalhada no município, mas os participante para essa ações muita das vezes não tem interesse, e na maioria das vezes são só os próprio folião. (A. C. R., 41 anos).

A súa é, portanto, uma dança que faz parte da manifestação cultural e religiosa em Monte do Carmo – TO. Caracterizada por músicas agitadas, através de uma espécie de bailado em que homens e mulheres dançam em círculos.

Considerações Finais

Diversas são as manifestações que a cultura engloba através do conhecimento que é passado por gerações, esses conhecimentos contribuem para identificar não só o grupo social, mas reflete especialmente no cotidiano e na tradição de um determinado local.

Em Monte do Carmo-To, a súa faz parte das manifestações culturais da cidade e encontra inserida no contexto religioso local. Percebe-se uma preocupação constante com a continuidade dessa expressão cultural, como descaracterização desses elementos que identificam a dança, desaparecimentos dos pandeiros, a falta de interesse dos jovens em aprender a tocar os instrumentos, os passos da dança e os cantos da súa. Uma outra dificuldade dos foliões, é que a maioria hoje são trabalhadores públicos e os jovens estão em período escola durante o período da folia.

A súa faz parte da cultura de Monte do Carmo- TO, mas faltou interesse dos mais jovens em dar continuidade a tradição, é constante este fato, isso transpareceu nas entrevistas. Ao observarmos por esse contexto, acredita-se, algumas das características da súa tenha sido abandonada ao longo do tempo.

Assim, no cenário atual desta pequena cidade, a população ao cultivar festas que simbolizam espiritualmente a vivência do trabalho e da religiosidade. Essas

manifestações cotidianas guardam fortes traços de referências africanas e portuguesas, como foi apresentado na Folia do Divino e a súa.

Referências Bibliográficas

ALVES, Nazareth Gomes, *Elos Perdidos*. 1º ed.; Monte do Carmo-TO, 2009.

BARROSO, Osvald. *Incorporação e Memória na Performance do Ator Brincante*. In: Patrimônio Imaterial, performance cultural e(re) tradicionalidade.(org.). Teixeira, João Gabriel. C, ET AL. ICS-UNB. 2004.

CAMPOS, Marta Silva. *As festas do Carmo*. Goiânia: Oficina de Comunicação. Goiânia, 1988.

GOMES, Evanir Matos. *Rosário dos Congos na Festa do Carmo*. Editora Pote de Barro, Porto Nacional, 2004.

GRUNBERG, E. Manual de Atividades práticas de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2007.

MESSIAS, Noeci C. *Religiosidade e devoção: as festas do divino e do rosário em Monte do Carmo e em Natividade – To*. 2010. 352 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, 2010.

MOURA, Antônio de Paiva. *Turismo e Festa Folclóricas no Brasil*. In: Turismo e Patrimônio Cultural. Pedro Paulo Funari e Jaime Pinky (Orgs.), São Paulo: Contexto 2003.

RIBEIRO, J. R. *A Festa do Povo: Pedagogia de Residência*. Editora vozes, Petrópolis: 1982.

TINHORÃO, José Ramos. *Os Sons dos Negros no Brasil*. Cantos, danças, folguedo. Origens: São Paulo: Ed 34, 2008.

SILVA, Évertom Francisco. *Entre o Costume e a Lei: Superando o “Silêncio” e Descortinando a História Afro-Brasileira*. Editora Premier, UFT. Pós-Graduação em História social. Especialização. Porto Nacional, 2011.

SOUZA, C. E; SANTOS, M. A.; PEREIRA, L. *Suçã no Tocantins*. In: Exposição da Pesquisa sobre a suçã nos Municípios Pesquisados, 1., 2012, Arraias, Monte do Carmo, Santa Rosa, Paranã e Almas: Projeto da Fundação Cultural, Palmas-TO, 2012.

Recebido para avaliação até 28/11/2015

Aprovado até 15/12/2015